

CORPO, EDUCAÇÃO E NATUREZA

Carmen Lúcia Soares*

Resumo

As diferentes formas de educação do corpo em sua relação com a natureza apresentam-se como temática singular na obra de Georges Hébert, oficial da Marinha Francesa, que, na primeira metade do século XX, elaborou um conjunto de procedimentos para exercitar-se, ao qual denominou Método Natural. No Brasil, esta obra tem sido pouco analisada, mesmo sendo sua presença constatada na literatura específica sobre educação física na primeira metade do século XX. Este artigo centra-se na análise de diferentes formas de educação do corpo presentes nesta obra, tomando como referência os artigos publicados no periódico *Educação Physica – Revista de Esportes e Saúde*, que circulou no Brasil de 1932 a 1945.

Palavras-chave

Corpo; educação; natureza.

Abstract

*The different forms of body education in its relation to nature are a singular theme in Georges Hébert's work. In Brazil, his work has not received much attention, although its presence is visible in the specific literature on physical education produced in the first half of the 20th century. The present study focuses on the analysis of different forms of body education which appear in Georges Hébert's work, based on the articles written by him and published in the journal *Educação Physica - Revista de Esportes e Saúde*, which was released in Brazil from 1932 to 1945.*

Key-words

Body; education; nature.

Introdução

Como olhar o passado? A resposta a esta pergunta empresta os traços necessários a um primeiro delineamento, ao esboço de uma primeira certeza provisória: o passado não revela verdades escondidas, ele apenas permite possíveis novas interpretações. Isto talvez porque o olhar para o passado seja sempre o olhar do presente, um olhar amalgamado pela experiência daquele que olha, pelas escolhas que faz, pelo lugar social que ocupa.

Como traduzir o olhar? A resposta a esta pergunta remete-nos à necessidade humana da rememoração, de retomada, pela palavra, de um passado, que sem isso desapareceria em silêncio e esquecimento. A narrativa,¹ sua multifacetada ação, faz-se registro e presentifica, pela palavra, pela imagem, aquilo que é e está ausente. Amarra fios rompidos, reboina séculos, assinala lembranças e esquecimentos. Constrói-se por ausências, silêncios e pequenas aparições.

Este trabalho tem o propósito de rememorar um autor pouco estudado pela educação física brasileira. Trata-se de uma primeira aproximação com a obra de Georges Hébert² por meio de artigos que ele escreveu e publicou na Revista *Educação Physica*, primeiro periódico específico da área, que circulou no Brasil entre os anos de 1932 e 1945, numa seção denominada “Filosofia da Educação Física”.

Nesses artigos, um detalhe na obra do criador do chamado Método Natural³, pode-se encontrar indícios de um pensamento que buscou elaborar, com precisão, saberes e práticas voltados a um projeto social de educação do corpo e à importância da natureza nesta educação.

O projeto educacional de Hébert tomava como princípio o retorno à natureza, o modo de vida simples de povos que possuíam outros hábitos de vida e que habitavam terras distantes e desconhecidas, por ele chamados, ainda, de “primitivos” ou “selvagens”,⁴ assim como a crítica ferrenha à especialização esportiva ou “taylorização de movimentos”, conforme sugerem as análises de Cambier.⁵

É portanto da observação das relações dos homens com uma natureza formadora, sempre boa e generosa, fonte perene de virtudes – idéia que perpassa civilizações – que Hébert retira os elementos de sua proposta de educação do corpo.

O homem em estado natural, o selvagem, por exemplo, obrigado a conduzir sua vida ativa para prover suas necessidades e garantir sua segurança, realiza seu desenvolvimento físico integral vivendo ao ar livre em estado de quase nudez, e executando unicamente exercícios naturais e utilitários, que são aqueles de nossa espécie e para os quais nosso corpo é especialmente criado e organizado. (...) Esse retorno à atividade física nas condições as mais naturais possíveis constituiu aquilo que chamamos de Método Natural.⁶

De um modo mais amplo, pode-se afirmar que suas idéias se inserem no movimento pedagógico do começo do século XX, em que se encontram o sincretismo de Claparède, o globalismo de Decroly, entre outros, que reagiram contra as psicologias e as pedagogias analíticas. Contudo, a forte inspiração desse movimento, no qual se insere a obra de Hébert, foram as teorias de Rousseau.⁷

Talvez fosse adequado observar que Hébert propõe um retorno à natureza, mas um retorno racional e plenamente adaptado à vida urbana e civilizada das cidades européias das primeiras décadas do século XX: nudez controlada e exercícios físicos utilitários.

O horror à degenerescência da raça e à decadência nacional recupera o entusiasmo por uma educação física dirigida a toda a população.⁸ O retorno à natureza, a importância do ar, dos raios de sol e de exercícios físicos ministrados com disciplina em plena natureza, em que alunos são acostumados a resistir ao frio, ao calor e a viver com sobriedade e frugalidade, compõem um quadro mais amplo de busca de uma higiene dos comportamentos.

Hébert apóia-se, sobretudo, na força moral e no utilitarismo estreito em que o culto ao dever é enaltecido, afirmando sempre a simplicidade de suas idéias,⁹ nas quais desenvolvimento físico e cultura viril estão vinculados a uma cultura moral com acentuada exaltação de sentimentos nobres.¹⁰ “A cultura do corpo pelo corpo, ou pela dominação por meio da força bruta, jamais produziu o belo, o bom ou o educado; ela traz sempre, hoje como ontem, os piores excessos morais e sociais.”¹¹

Oficial da Marinha Francesa, Georges Hébert viaja pelo mundo e observa a morfologia e os movimentos de homens e mulheres aos quais o seu senso comum ainda chama de *selvagens*. Os povos que ele observa e que converte em modelo de saúde e vigor físico são pertencentes, segundo ele, a todas as regiões do mundo: indianos de todos os climas, negros da África, indígenas da Oceania, entre outros. Todavia, Métoudi e Vigarello¹² afirmam que os povos que ele observa são, essencialmente, habitantes de terras africanas “protegidas” no início do século XX pela França.

O que exatamente observa Hébert? A força, a resistência, a agilidade, o domínio do corpo em sua relação direta com a natureza, o desenho desse corpo que recorta o espaço em sua pujança e vigor, e que ele associa com esfinges e estátuas antigas, trazidas como ideal de beleza revelado, no presente, por esse corpo “selvagem”. A esse respeito, as análises de Gilbert Andrieu são primorosas:

A beleza selvagem, a beleza antiga e a beleza de um organismo plenamente adaptado ao esforço que deve produzir, essas são três imagens trazidas pela mesma análise. Contra a sociedade que a desfigura, o retorno à natureza impõe-se. (...) O belo natural surge como o contrário do belo civilizado, do belo fabricado, da moda, do belo convencional. Ele emana de

uma adaptação perfeita às leis da natureza, e esta adaptação é trabalhada essencialmente por meio de todas as formas de locomoção que o homem é capaz em estado de natureza. Os músculos desenvolvidos mediante um trabalho natural dão ao indivíduo, integralmente desenvolvido, formas que lembram aquelas dos atletas antigos e, muito particularmente, as de um atleta ágil. O belo natural é, em qualquer situação, um belo útil (...).¹³

O Método Natural ancora-se em regras simples deduzidas da natureza e recusa-se a conceber a educação física como um problema complicado de biologia ou de fisiologia, ressaltando idéias ligadas ao instinto e à intuição: “O método natural é um vasto sistema de desenvolvimento e de manutenção física conforme à natureza, imitação daqueles seres primitivos que agem por instinto e por necessidade”.¹⁴

Esta afirmação de Hébert revela quase uma crença na natureza em si, pois, como afirmam Métoudi e Vigarello, para ele

A natureza não é nem o lugar da experiência, nem o lugar de verificação objetiva. Ela não é nem mesmo o tema de um verdadeiro conhecimento. É valor ativo. Ela fala: é suficiente abandonar-se ao instinto e à intuição. (...) Imitação do selvagem, instinto e intuição tornam-se as chaves de toda a conceitualização deste método: Hébert é um apologista da anticiência.¹⁵

Como observa Delaplace,¹⁶ Hébert vai deduzir da natureza todas as qualidades físicas a serem desenvolvidas, e vai se ancorar na cultura européia dos anos 20 e 30, utilizando o mito do selvagem como justificativa posterior de seu Método Natural, que repousa sobre uma recomposição de elementos arquetípicos como a água, o ar, o sol.

Talvez seja difícil afirmar que o Método Natural tenha sido implantado de forma pura em outros países, como o Brasil, onde as referências a Hébert se limitam a pequenas descrições de seu trabalho em alguns manuais de história e/ou filosofia da educação física.¹⁷ É possível afirmar, porém, que suas idéias centrais – tais como o retorno racionalizado à natureza, a importância das atividades físicas ao ar livre, a crítica à especialização esportiva,¹⁸ a existência de “movimentos naturais”, habilidades e capacidades naturais e instintivas – constituam permanências no tempo histórico e façam-se presentes até os dias de hoje.

1. A revista Educação Physica

Criada por civis e financiada por uma editora particular,¹⁹ a revista *Educação Physica* busca padrões científicos, regularidade de publicação, atualidade, abrangência temática, tornando-se fonte de consulta tanto para profissionais da área quanto para os interessados em temas correlatos. Seguindo esta linha, recorre não só a autores nacionais como também

a estrangeiros, sobretudo europeus e norte-americanos. O editorial de seu primeiro número indica seus ousados propósitos: divulgar as bases científicas da educação física; apoiar o esporte como fator de “regeneração da raça”; incentivar a formação de técnicos e especialistas; propagar os fins “morais e sociais” da atividade física, entre outros.²⁰

Pretenciosa, a revista quer ser um veículo de divulgação de idéias modernas e múltiplas sobre diferentes saberes e práticas relacionadas à educação do corpo, lugar privilegiado de intervenção dirigida, num momento em que a sociedade brasileira acredita na educação como fator determinante de regeneração e renovação nacionais.

Em suas páginas, a educação física e os esportes surgem como promotores de saúde, responsáveis pelo fortalecimento do povo e pela eugenia da raça.²¹ As vitórias esportivas não são suficientes. O que se deseja é tocar a massa e criar um estado de saúde e vigor na população. Desejam-se, sobretudo, homens e mulheres aptos a “prestar serviços à Pátria por mais absurdos que sejam”.²²

Cabe assinalar que parte do período de existência desse periódico foi concomitante com a ausência de liberdade de expressão no Brasil, quando o país viveu sua primeira ditadura do século XX, o chamado Estado Novo.²³ Durante esse período, a revista *Educação Physica* afirma-se como publicação científica e ganha periodicidade e sistematicidade para divulgar conhecimentos técnico-científicos, pedagógicos, estéticos e ideológicos. Todavia, não seria prudente considerar a revista um simples veículo de propaganda ideológica da ditadura do Estado Novo,²⁴ pois, embora essa ideologia estivesse aí presente, também se veiculava a idéia de serem o esporte e a educação física fatores determinantes na preparação de homens e mulheres para o enfrentamento da vida moderna.²⁵

2. Georges Hébert na revista *Educação Physica*

Nos números consultados desse periódico,²⁶ encontramos cinco artigos escritos por Georges Hébert e publicados em 1941, 1942 e 1943. Neles são abarcados temas polêmicos como, por exemplo, a crítica à especialização esportiva e ao esporte espetáculo, que vinham sendo objeto de sua atenção desde a década de 1920 e que faziam parte não só das reflexões encontradas em seus livros, mas também em *L'Éducation Physique Revue Scientifique et Critique*, periódico para o qual ele escreveu inúmeros editoriais, artigos, e onde exerceu o cargo de presidente do comitê de redação.

Hébert é um crítico de toda especialização esportiva, e considera que a concepção esportiva do seu tempo “(...) é individualista e egoísta já que sacrifica a massa em detrimento do indivíduo; enfim, é quase imoral, socialmente falando; a especialização esportiva

estimula freqüentemente, por meio do trabalho espetacular contínuo, os jovens a “vender seus músculos”.²⁷ O esporte atual (do seu tempo), em sua visão, compõe o quadro de decadência moral, de indolência, pois foi desviado de seu fim utilitário e degradado pelo dinheiro e pelo espetáculo.²⁸

Em dois artigos publicados respectivamente nos números 57 e 58 da revista *Educação Physica*, Hébert discorre amplamente sobre o que denomina “perigos sociais”²⁹ e “perigos físicos”³⁰ do esporte. Como perigos sociais, acentua o abandono da compreensão da atividade física como promotora do bem comum, o culto ao individualismo e à *performance* para bater o último recorde, a falta de ordem e a ausência de disciplina. Desta última, nascem o exibicionismo desordenado e o espetáculo esportivo, em que “Os Jogos Olímpicos apresentam-se como uma feira internacional do músculo, sem alcance educativo”.³¹

Em sua visão, o esporte como espetáculo transporta a sociedade para uma “época semibárbara”, na qual a força puramente física é enaltecida.³² Para ele, o esporte espetáculo gera o profissionalismo e o amadorismo marrom, “grande chaga do esporte”,³³ pois aqueles que o praticam não o fazem para assegurar e desenvolver sua saúde, mas sim para ganhar dinheiro. Este modo de ganhar a vida desvia a juventude de uma compreensão mais ampla sobre o valor do trabalho, fazendo-a crer ser o esporte mais lucrativo para assegurar sua sobrevivência.

O esporte, pelo modo como é praticado, causa ainda um outro mal à juventude, afirma Hébert, pois sua “prática atual” traz prejuízos nos estudos ao excitar em demasia as atividades vividas pelos adolescentes, tornando-os objetos de paixões fanáticas pelas façanhas esportivas e pelos recordes inúteis.

A tais perigos sociais somam-se aqueles de natureza física,³⁴ como a especialização, que gera “uma falsa concepção do ser forte”,³⁵ como a ausência de moderação, pois o esportista é sempre movido pela idéia de ir mais longe, ser mais veloz,³⁶ ou como a ultrapassagem de limites das próprias forças, a ausência de ritmo, de dosagem e de regulação do esforço. Deste quadro, segundo Hébert, resulta um indivíduo cuja resistência geral foi esgotada e cuja saúde comprometida. Para ele, só o “o esforço moderado ou econômico, quer dizer, ritmado segundo as possibilidades médias de cada pessoa, pode ser prolongado, sem perigo”.³⁷ Cada indivíduo deve aprender, pela educação física, a conhecer o seu ritmo de trabalho físico, o esforço que é capaz de realizar, assim como a dosagem certa.³⁸

A esses temas polêmicos e complexos Hébert agrega outro, qual seja, o da necessidade de precisão terminológica entre os termos “educação física”, “esporte” e “ginástica”,³⁹ cujo objetivo é diminuir as confusões e esclarecer, verdadeiramente, os “deveres físicos do homem” que, para o autor, são aqueles que contribuem para conquistar uma “moralidade

física”, cuja fórmula é bastante simples: “desenvolver-se e conservar-se; (...) em se desenvolvendo, torna-se forte, em se conservando, permanece forte, possui a energia e o entusiasmo e desfruta de uma perfeita saúde”.⁴⁰

Sua argumentação sugere que o funcionamento dos órgãos influencia a vida moral, o ardor e o entusiasmo para viver uma vida sã, que não é mais que aquela plena de atividade, de ação, uma vida que nega, radicalmente, a ociosidade: “todos os prazeres passivos ou artificiais não deixam mais que o tédio e precipitam a destruição da saúde”.⁴¹

Novamente aqui encontramos Rousseau, para quem uma verdadeira educação exige que o aluno “trabalhe, que aja, que corra e que grite, que esteja sempre em movimento; que seja homem pelo vigor e em breve o será pela razão”.⁴²

Atividade e movimentação constantes não devem, contudo, limitar-se ao desenvolvimento atlético, ao culto do músculo, pois “o corpo não é, com efeito, senão o templo da alma e o servidor do cérebro”.⁴³

3. Modelos de educação do corpo

Nos artigos escritos e publicados por Hébert na revista *Educação Physica*, é possível identificar a educação física, a ginástica e o esporte, este último quando apartado dos “vícios” em que está mergulhado, como um acervo de saberes e práticas voltados para um projeto de educação do corpo – um projeto que expressa uma concepção de limpeza não só corporal, mas moral e social, compondo, assim, um quadro mais amplo de higiene dos comportamentos. Nesse projeto, a natureza é provedora e fonte perene de bem-estar. Nele, também, homens e mulheres, quando sadios e cultivados física e virilmente por uma adequada educação física, possuem predisposições “naturais” para a moralidade.⁴⁴ Hébert trabalha sempre com oposições entre o bem e o mal, ou entre virtudes e vícios encarnados em saberes e práticas que analisa, na educação do corpo que propõe.

Idéias moralistas, naturalização das práticas sociais, oposições entre vícios e virtudes, retorno à natureza, a qual enquadra em uma concepção própria do período em que Hébert viveu e escreveu sua obra – período atravessado por movimentos naturistas, tanto médicos quanto pedagógicos; período em que a natureza selvagem esteve na moda, conforme afirma Delaplace⁴⁵; período em que a vida selvagem é vivenciada também no escotismo, lembrando sempre que a “pedagogia da aventura faz parte do jogo colonial”.⁴⁶

Hébert acentua, em suas propostas de educação, a necessidade de ser forte, definindo que “ser forte” significa se desenvolver de uma maneira não só completa, mas completa e útil. A força do “selvagem”, tratado pelas teorias científicas do século XIX como pertencendo

cente a “raças inferiores”, é resgatada como modelar para o desenvolvimento do homem e da mulher urbanos e, assim, redimida pelas virtudes que possui. Sua obra combina o fascínio pela potência misteriosa de populações exóticas com processos “científicos” de apropriação de suas forças ocultas pela imitação de seu modo de vida, de sua condição de existência.

Seria esta a razão de sua pouca penetração no Brasil, país que desejava “embranquecer” e cuja elite buscava imitar comportamentos, hábitos e atitudes do mundo europeu, identificando-se mais com a ginástica sueca, rigorosamente científica e seguidora de modelos que eram europeus? Ou seria talvez a sua atitude um pouco desdenhosa em relação ao processo de afirmação científica vivido pela educação física européia ao longo de todo o século XIX,⁴⁷ de certo modo secundarizado quando ele enaltece o instinto como grande guia de nossa existência ou, então, quando critica a inclusão de enfações desenvolvimentos de análise muscular uma vez que, para ele, as “atividades vitais são feitas de exercícios naturais e utilitários e para os quais nosso corpo é especialmente construído”?⁴⁸ Estas indagações não podem ser respondidas no âmbito deste artigo, mas indicam caminhos possíveis para pensar problemáticas contemporâneas acerca das práticas corporais; as ausências, os silêncios são férteis indícios para pensar e escrever a história.

Talvez a busca de um retorno racional à natureza, adaptado à vida em sociedade e, mais precisamente, à vida em sociedades urbanas, empreendida por Hébert, tenha o seu similar contemporâneo nos chamados esportes radicais, nos quais a natureza, para aqueles que os praticam, é tão-somente um meio (mais um) de obter uma *sensação*. A natureza é desnaturalizada e domesticada para tornar-se campo de novos velhos rituais revisitados e vendidos como poderosos elixires anti-estresse, como as novas fórmulas de educação da vontade daqueles que podem pagar.

A título de conclusão, algumas indagações podem ser formuladas com base nas idéias aqui desenvolvidas: não haveria hoje um higienismo e, por que não dizer, um eugenismo contemporâneos verdadeiramente assustadores, concepção que tem acentuado a idéia de ser o corpo um objeto de conhecimento destituído de história e apartado da cultura?⁴⁹ Sendo o corpo um elemento privilegiado na interconexão entre natureza e cultura, uma vez que pertence aos dois mundos – natural e social/biológico e simbólico –, seria possível valer-se dele a fim de esboçar saberes e práticas para se pensar um outro projeto civilizatório?⁵⁰ Poderiam as práticas corporais realizadas na natureza contribuir para uma compreensão mais ampla das problemáticas ecológicas que dizem respeito a todas as formas de vida no planeta?

São tantas as indagações que não cabem nos textos. São tantas as respostas que não alcançam ser lidas. O que fica mesmo são nossas expectativas, experiências, desejos e aspirações do presente a mobilizar nossas incursões sobre uma idéia de passado, sobre a

descontinuidade da história, buscando conceder-lhe um sentido. Um tal sentido⁵¹ só o presente pode dar, pois é ele que determina as escolhas⁵² dos lugares, das pessoas, das ações humanas que vamos tomar no tempo como testemunhos, como indícios e sinais tanto de aspirações como de tiranias e redenção de sociedades inteiras.

Recebido em fevereiro/2002; aprovado em abril/2002

Notas

* Professora Doutora da Faculdade de Educação – Unicamp.

¹ GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo, Fapesp; Campinas, Editora da Unicamp, 1994, p. 3.

² Georges Hébert nasceu em Paris, em 1875, e morreu em Deauville, em 1957.

³ Esse método procurou distinguir-se das ginásticas analíticas, assim como da especialização esportiva. Ver a respeito: HÉBERT, G. L'évolution technique et pédagogique de la Méthode Naturelle. *L'Éducation Physique Revue Critique & Pédagogique*, v. 3, pp. 148-152, 1927; L'erreur sportive. *L'Éducation Physique Revue Critique & Pédagogique*, v. 8, pp. 244-246, 1928; *L'éducation physique, virile et morale par la Méthode Naturelle*. Paris, Librairie Vuilbert, v. 1, t. 1.2, 1941a; CAMBIER, M. "La méthode Hébert". In: LABBÉ, M. (org.) *Traité d'éducation physique*. Paris, Gaston Doin, 1930, pp. 437-489; PEREIRA, C. M. *Tratado de educação física: problema pedagógico e histórico*. Lisboa, Bertrand, [s.d.], p. 443-486; LANGLADE, A. e LANGLADE, N. de. *Teoria general de la gimnasia*. 2 ed. Buenos Aires, 1986, pp. 268-290; LATY, D. *Histoire de la gymnastique en Europe*. Paris, Presses Universitaires de France, 1996, pp. 263-266, entre outros.

⁴ Ver HÉBERT, op. cit., 1941a, p. 1.

⁵ CAMBIER, op. cit., 1930, p. 441.

⁶ HÉBERT, op. cit., 1941a, pp. 1 e 6: "*L'homme à l'état de nature, le sauvage par exemple, obligé de mener une vie active pour subvenir à ses besoins et assurer sa sécurité, réalise son développement physique intégral en vivant au grand air dans l'état de quasi-nudité et en exécutant uniquement les exercices naturels et utilitaires qui sont ceux de notre espèce et pour lesquels notre corps est spécialement bâti et organisé. (...) Ce retour à l'activité physique dans les conditions les plus naturelles possibles constitue ce que nous appelons la Méthode Naturelle*".

⁷ Ver especialmente ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou Da educação*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

⁸ Ver a respeito VIGARELLI, O. G. *Le corps redressé*. Paris, Jean Pierre Delarge, 1978, pp. 162-190; e *Le sain et le malsain. Santé et mieux-être depuis le Moyen-Âge*. Paris, Seuil, 1993, pp. 219-232; SANT'ANNA, D. B. de. *Corpo e História. Cadernos de subjetividade do programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*, v. 1, n. 1, São Paulo, pp. 243-265, 1993.

⁹ Ver HÉBERT, op. cit., 1941a, p. 4.

¹⁰ HÉBERT, op. cit., 1941a, p. 15.

¹¹ HÉBERT, op. cit., 1941a, p. 15: "*La culture du corps pour les corps ou pour la domination par la force brutale n'a jamais rien produit de beau, de bon, ni d'élevé; elle mène toujours, aujourd'hui comme hier, aux pires excès moraux et sociaux*".

¹² MÉTOUDI, M. e VIGARELLO, G. La nature et l'Air du temps. *Travaux et recherches en néducation physique et sports*, 6, INSEP, p. 20, 1980.

¹³ ANDRIEU, G. Méthode naturelle et beauté plastique. *Spirales*, UFRAPS, Université Lyon, v. 9, p. 36, 1995: "La beauté sauvage, la beauté antique et la beauté d'un organisme pleinement adapté à l'effort qu'il doit produire, sont trois images portées par la même analyse. Contre la société qui enlaidit le retour à la nature s'impose. (...) Le beau naturel apparaît comme le contraire du beau civilisé, du beau fabriqué, à la mode, du beau conventionnel. Il découle d'une adaptation parfaite aux lois de la nature et cette adaptation se travaille essentiellement par toutes les formes de locomotion dont l'homme est capable à l'état de nature. Les muscles développés par un travail naturel donnent à l'individu, intégralement développé, des formes semblables à celles des athlètes antiques et tout particulièrement celles d'un athlète léger. Le beau naturel est en quelque sorte un beau utile (...)".

¹⁴ HÉBERT, apud MÉTOUDI e VIGARELLO, op. cit., 1980, pp. 21-22: "La Méthode Naturelle est un vaste système de développement et d'entretien physique conforme à la nature, imité de celui des êtres primitifs agissant par instinct et par besoin".

¹⁵ MÉTOUDI e VIGARELLO, op. cit., 1980, p. 21: "La nature n'est ni lieu d'expérience, ni lieu de vérification objective. Elle n'est même pas le thème d'un véritable connaissance. Elle est valeur active. Elle parle: il suffit de s'abandonner à l'instinct et à l'intuition. (...) Imitation du sauvage, instinct et intuition deviennent les clefs de toute conceptualisation: Hébert est l'apologue de l'antiscience".

¹⁶ DELAPLACE, J.-M. *Georges Hébert, La méthode naturelle et l'école (1905-1957)*. Lyon, Tese de Doutorado, Université Lyon I, 2000; ver especialmente pp. 22-30.

¹⁷ Ver, por exemplo, AZEVEDO, F. *Da educação física*. 3 ed. São Paulo, Melhoramentos, [s.d.]: MARINHO, I. P. *Sistemas e métodos da educação física*. 5 ed. Rio de Janeiro, Def-Mês, 1952; RAMOS, M. M. *Educação física*. Porto Alegre, Globo, 1944; RAMOS, J. J. *Os exercícios físicos na história e na arte*. São Paulo, Ibrasa, 1982; BONORINO, L. et alii. *História da educação física*. Vitória, Imprensa Oficial, 1931, entre outros.

¹⁸ HÉBERT, op. cit., 1927, pp. 4-5.

¹⁹ "Companhia do Brasil": sobre este periódico ver o excelente trabalho de GOELLNER, S. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Física*. Campinas, Tese de Doutorado, Unicamp, 1999.

²⁰ Revista *Educação Física*, v. 1, p. 3, 1932.

²¹ Ver a revista *Educação Física*, v. 8, 1937.

²² Revista *Educação Física*, v. 8, 1937.

²³ A ditadura do Estado Novo ocorreu entre 1937 e 1945; sobre o tema, ver FAUSTO, B. "A Revolução de 1930". In: MOTA, C. G. *Brasil em perspectiva*. São Paulo, Difel, 1984; SOLA, L. "O golpe de 1937 e o Estado Novo". In: MOTA, op. cit., 1984, entre outros. O Brasil viveria, ainda, uma segunda ditadura no século XX, a ditadura militar que ocorreu entre 1964 e 1985.

²⁴ Ver a respeito as análises de GOELLNER, op. cit., 1999, pp. 6-7.

²⁵ Ver revista *Educação Física*, v. 17, pp. 24-26, 1938.

²⁶ Para este estudo foram consultados 44 exemplares dos 86 existentes.

²⁷ HÉBERT, op. cit., 1928, p. 245: "(...) est individualiste et égoïste en ce sens qu'elle sacrifie la masse à l'individu; enfin est presque immorale, socialement parlant, en poussant trop souvent par le travail spectaculaire continu, les jeunes gens à 'vendre leurs muscles'".

²⁸ HÉBERT, G. O esporte dentro da educação física. *Educação Física*, v. 62/63, p. 12, 1942.

²⁹ Idem. Os perigos sociais do esporte. *Educação Física*, v. 57, pp. 10-11, 66-67, 1941b.

- ³⁰ Idem. Os perigos físicos do esporte. *Educação Physica*, v. 58 , pp. 10-11, 61-63, 1941c.
- ³¹ Idem op. cit., p. 11, 1941b.
- ³² Idem, ibidem, p. 66.
- ³³ Idem, ibidem.
- ³⁴ Idem, ibidem, pp. 10-11, 61-63.
- ³⁵ Idem, op. cit., p. 10, 1941c.
- ³⁶ Idem, ibidem, p. 10.
- ³⁷ Idem, ibidem, p. 61.
- ³⁸ Idem. ibidem.
- ³⁹ Idem. Expressões e técnicas de educação física. *Educação Physica*, v. 61 , p. 10, 1941d.
- ⁴⁰ Idem. Os deveres físicos do homem. *Educação Physica*, v. 76, p. 27, 1943.
- ⁴¹ Idem. ibidem.
- ⁴² ROUSSEAU, op. cit., p. 111, 1992.
- ⁴³ HÉBERT, op. cit., p. 27, 1943.
- ⁴⁴ Idem, ibidem, p. 28.
- ⁴⁵ DELAPLACE, op. cit., p. 82, 2000.
- ⁴⁶ Idem. p. 79.
- ⁴⁷ Tema desenvolvido em nossas pesquisas de mestrado e doutorado, publicadas respectivamente em *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas, Autores Associados, 1994 (2 ed. em 2001) e *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas, Autores Associados, 1998 (2 ed. em 2002).
- ⁴⁸ Ver a respeito as análises empreendidas por MÉTOUDI e VIGARELLO, op. cit., 1980, pp. 23-24.
- ⁴⁹ Ver a respeito SANT'ANNA, D. (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995; e *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo, Estação Liberdade, 2001; FRAGA, A. B. "Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI". In: SOARES, C. L. (Org.) *Corpo e História*. Campinas, Autores Associados, 2001, pp. 61-77.
- ⁵⁰ Ver a respeito o denso trabalho de SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade*. Campinas, Autores Associados, 2001.
- ⁵¹ Ver BLOCH, M. *Introdução à História*. [s.l.], Europa-América, [s.d.].
- ⁵² Ver FEBVRE, L. *Combates pela História*. 3 ed. Lisboa, Presença, 1989, p. 19.